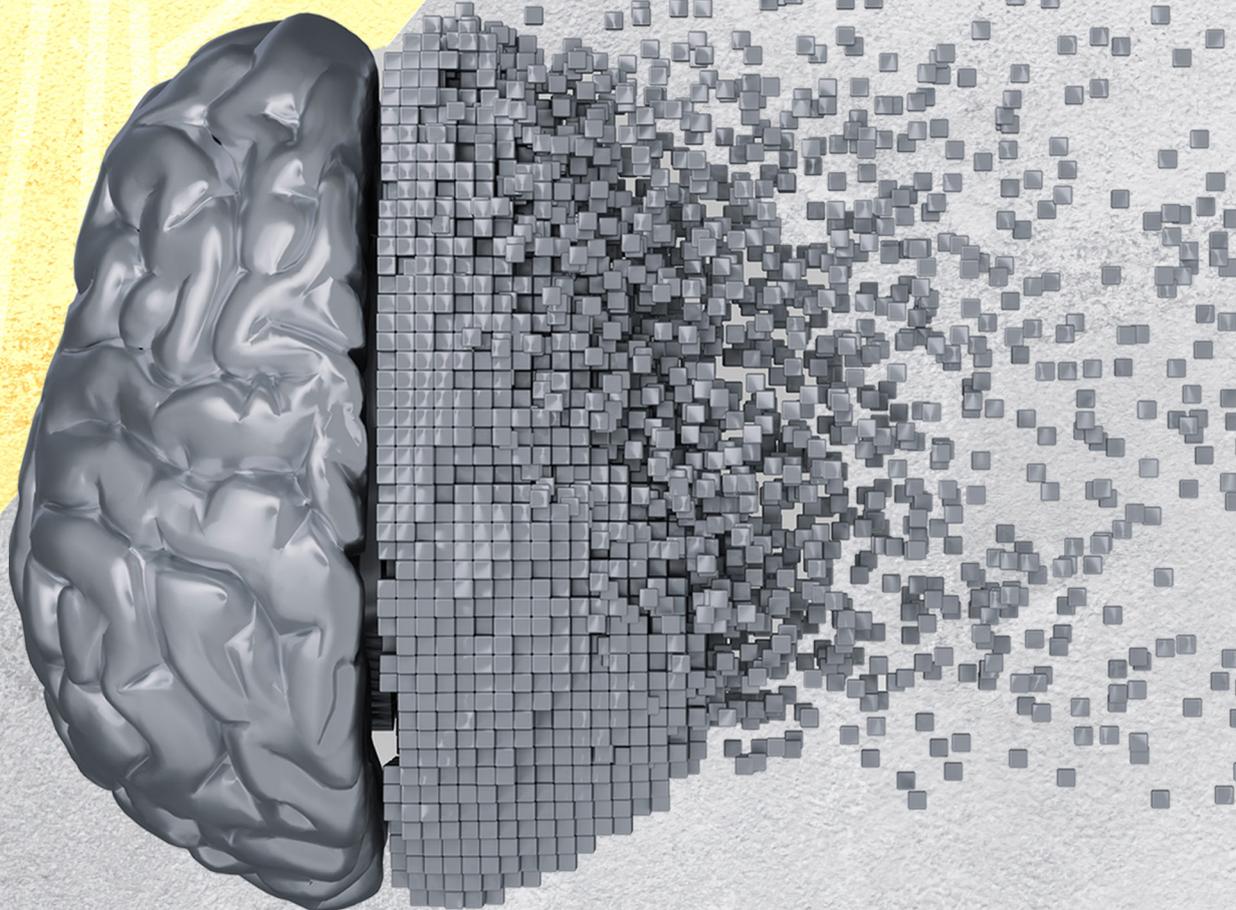


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvorini analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

Rosemary Trabold Nicácio

Centro Universitário das Faculdades Integradas
de Ourinhos

Núcleo de Pesquisa e Extensão
Ourinhos - SP

RESUMO: Neste artigo apresento o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões. Trata-se de pesquisa documental realizada num curso a distância oferecido para formação de profissionais da educação pública estadual paulista. Nesta foram coletados os materiais produzidos para o curso e as narrativas dos cursistas nos fóruns de discussão. A metodologia utilizada foi a cartografia guiada pelo Mapa de Mediações de Martín-Barbero (2004;2009) cujas análises foram feitas pelas mediações da socialidade, institucionalidade, ritualidade e tecnicidade. Além deste autor, os referenciais teóricos que permearam as análises apoiaram-se em Bakhtin (2002;2003), Bourdieu (2001;2004) e Lévy (2011). Ao final do presente artigo faço minhas considerações acerca da experiência com a pesquisa qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia; Pesquisa qualitativa; Mediações; Narrativas

ABSTRACT: In this article I present the methodological path which has supported my doctorate dissertation within qualitative research. My objective is to socialize initial difficulties this type of investigation can bring to new researchers and make some reflections, as well. It is a documental research carried out in a teachers` training distance course for São Paulo state public schools. Materials produced for the course and the learners` narratives in discussion groups were used. The methodology used was cartography guided by Martín-Barbero (2009) Mediation Map whose analyses were done on sociality, institutionalism, rituality and technicality. Moreover, theoretical foundations which permeate analyses were supported in Bakhtin (2002; 2003), Bourdieu (2001; 2004) and Lévy (2011). At the of the article I have my closing remarks about my experience with qualitative research

KEYWORDS: Cartography; Qualitative research; Mediation; Narratives

1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa acadêmica é uma escolha, nem sempre consciente, de todos aqueles que se aventuram nos programas de iniciação científica, graduação ou pós-graduação – *lato*

sensu ou *stricto sensu* – e, para muitos, é a primeira aproximação com o pensamento científico.

Todos temos nossas inquietações e curiosidade pelo que nos cerca, esse pensamento racional é visto como o princípio do método científico, todavia o que parece tão simples representa a transformação no modo de pensar sobre um objeto de conhecimento ou fenômeno.

Neste breve artigo apresento o percurso que realizei, e ainda estou construindo, acerca do pensamento científico, em especial, a aproximação à pesquisa qualitativa.

A primeira experiência com pesquisa, que tive, foi no mestrado em Educação pois, no tempo da graduação não haviam trabalhos de conclusão e a pesquisa era oferecida para alguns.

O maior desafio, a meu ver, naquele momento, parecia ser pesquisar e escrever sobre algo e, como Descartes (1999, p.13) “eu tinha sempre um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro em minhas ações, e caminhar com segurança nesta vida”. Esse pensamento já estava nas crenças acerca de pesquisa que fui incorporando ao longo de toda vida escolar e acadêmica. Os caminhos de pesquisa apresentados começavam com a leitura da obra de Descartes “O discurso do método” (1999), ou seja, construí meus conhecimentos a partir da convicção de que era necessário apoiar-me na razão questionando os argumentos que, muitas vezes, me haviam sido impostos por força de autoridade, enfim, aprendi a lógica da Escolástica e sua crítica.

Assim, o universo da pesquisa acadêmica foi construído sobre a certeza de que todo objeto só pode ser conhecido cientificamente, dentro de uma lógica racional e de percursos pré-determinados e mensuráveis para que, desta forma, possam ser validados, por seguirem rigoroso percurso de investigação e análise. O conhecimento verdadeiro visto dessa maneira é, assim, puramente intelectual, desconsiderando-se a imaginação, a memória e a própria linguagem.

A epistemologia, nesta perspectiva, centra-se num dado campo de conhecimentos em que certos tipos de objetos só podem ser analisados em determinadas circunstâncias e segundo determinados métodos ou, de outra forma, não há ciência confiável.

Para Boaventura Souza Santos (2010, p.19) “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis.” Esta dicotomia maniqueísta ainda está presente no pensamento científico, em pleno Século XXI.

A epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido traduziu-se num vasto aparato institucional - universidades, centros de pesquisa, sistema de peritos, pareceres técnicos - e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes. (SANTOS, 2010, p. 8)

A separação entre o que poderia ser, ou não, validado cientificamente trouxe uma limitação para a análise de objetos de conhecimento que não podiam ser vistos por meio de relações quantitativas unicamente, assim, foi necessário lançar mão da

subjetividade, da interpretação, para que determinados fenômenos pudessem ser vistos e melhor compreendidos.

Minayo (2017, p.2) diferencia a pesquisa quantitativa da qualitativa ao citar, a perspectiva de Kant (1980)

Quantidade e qualidade se sintetizam no objeto. [...] a pesquisa qualitativa, usando-se a linguagem de Kant, busca a “intensidade do fenômeno”, ou seja, trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas.

As pesquisas, quantitativa e qualitativa, são de naturezas diferentes, portanto, destinam-se a análise de aspectos diferentes do mesmo objeto. Para Serapioni (2000)

A pergunta fundamental sobre um método, [...], não é se, e quanto, ele é verdadeiro, mas se, e quanto, ele é útil para arar o terreno empírico que temos em frente. Em outras palavras, nosso juízo sobre o valor do método deve ser relacionado à sua fertilidade para nos aproximar da realidade estudada. (SERAPIONI, 2000, p.189)

Isto porque as pesquisas nascem sempre das inquietações, do inconformismo acerca do óbvio ou da curiosidade, no desejo de ir além do próprio horizonte. Essas inquietações nos conduzem por caminhos, por vezes desconhecidos, mas que, pouco a pouco, começam a dar corpo, sentido à investigação.

Investigar pressupõe interrogar a algo ou a alguém aquilo que se deseja saber, o “germe da interrogação está no desconforto sentido” e este nos impele a seguir por um caminho, de início, incerto, mas profícuo para “visualizar os desdobramentos possíveis que os significados atribuídos” às questões trazem para a “postura investigativa”. (BICUDO, 2005, p.8)

Toda investigação acontece num caminho que é estabelecido pelo pesquisador, todavia, este sofre a influência do objeto e essa relação pode começar distorcida, aparentemente, sem sentido. E foi busca pelo sentido que precisei romper com determinações que não respondiam às minhas inquietações diante da pesquisa e como pesquisadora. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, a investigação que me propus a realizar por ocasião do meu doutoramento em Educação, começou a fazer sentido.

Romper com formas arraigadas de pensamento só foi possível por meio dos estudos realizados e, estes, representaram uma aventura a um universo totalmente desconhecido e, inicialmente, ilógico.

Para Piettre (2005, p.27)

A verdade de uma teoria científica (nas ciências humanas, assim como nas exatas) repousa no fato de que ela faz sentido ou traz coisas ao sentido, por revelar um aspecto do mundo, da natureza, da história, da sociedade ou da experiência humana etc....do mesmo modo que fazem sentido a literatura, os textos filosóficos ou religiosos e a obra de arte.

O sentido precisa ser desvelado, construído para que se possa interpretar o que está diante de nós num processo investigativo. Precisei percorrer diferentes campos

de conhecimento, como o da arte, da comunicação e da linguagem para romper com o paradigma de pesquisa científica que havia construído até então, assim encontrei sentido na pesquisa qualitativa. A imersão em obras como a de Didi-Huberman (2013), Bakhtin (2003), Martín-Barbero (2004;2009) entre outros, ampliou a visão do objeto da investigação proposta e acabei por conhecer a cartografia.

2 | A CARTOGRAFIA COMO PERCURSO METODOLÓGICO

Toda pesquisa nasce de um problema, contudo, a clareza do que se está a investigar e a problematizar não é sempre tão simples de se definir *a priori*.

Como servidora pública estadual paulista, especificamente, Supervisora de Ensino, observava que desde a década de 80 do século XX a formação dos profissionais da educação pública apoiava-se cada vez mais em cursos realizados a distância pela escola de governo, incomodava-me a elevada taxa de evasão e o quanto os recursos públicos estavam sendo desperdiçados. Havia questões de políticas públicas, questões éticas na educação, mas precisava definir com mais precisão o aspecto que realmente me incomodava. Reconheci que a formação por meio da tecnologia representava um caminho sem volta, então passei a questionar se, de fato, havia alguma aprendizagem ou formação, naquele modelo.

As relações propostas quanto a quem ensina e a quem se destinava a aprendizagem, os materiais e base teórica, as ideologias e as possíveis áreas de intervenção dos servidores na sua prática profissional foram surgindo como elementos constitutivos dessa pesquisa. E, como se tratava de uma multiplicidade de dimensões era necessária uma investigação que se apoiasse muito mais no sentido e na intensidade que na sua magnitude. Uma investigação que demonstra uma dimensão ampla e múltipla traria contribuições significativas para a compreensão do real sentido dessa formação que se tem oferecido dentro da escola de governo de São Paulo. Concluí que só poderia construir um caminho de investigação por meio de análise qualitativa.

É importante ressaltar que as questões iniciais não eram claras, foi necessário levantar muitas informações e, inclusive, apoiar-me em dados quantitativos que possibilitaram conhecer o que se repetia e tornava homogêneo para, então, iniciar um caminho que, aos poucos, tornariam mais claras as angústias e inquietações.

Esse é um exercício crucial ao investigador. Colocar em evidência sua interrogação e atento e de modo lúcido buscar pelo que pergunta - pelo que quer saber, pelo que interroga - é um movimento que o auxilia a antever o caminho a ser trilhado na investigação. Ou seja, a visualizar os procedimentos apropriados à característica do quê pelo que indaga e de suas modalidades de contextualização e de exposição cultural. [...] Esse processo de busca, que clama por rigor, uma vez que científica, expõe clarezas que desvelam, descobrem, aspectos até então obscuros da realidade construída nas relações mundanas. Subjacente a essa idéia encontra-se a concepção de verdade como evidência e como manifestação. (BICUDO, 2005, p.9)

Nessa perspectiva tornou-se imperativo conhecer a pesquisa qualitativa, pois ao definir o objeto e delinear o que se desejava saber, os procedimentos foram ficando mais claros.

O universo escolhido para a investigação foi um curso realizado a distância para Supervisores de Ensino, ao longo de um ano e, neste, seria possível analisar os materiais e sua ideologia, bem como as narrativas que foram registradas pelos cursistas nos fóruns de discussão por meio das quais seria possível conhecer suas percepções acerca dessa formação em serviço. Foram analisados, nesses documentos, as narrativas produzidas por 25 (vinte e cinco) cursistas nos fóruns de discussão, num total de 1127 (mil cento e vinte e sete) interlocuções que se espalharam por 4 (quatro) módulos ao longo de 40 (quarenta) semanas de curso, bem como todo material didático produzido para os estudos desses sujeitos.

Diante desse mar de informações e documentos, sentia-me como um cego que tinha no entorno tudo que precisava, mas que pela própria condição teria que descobrir cada coisa apalpando e construindo uma imagem mental, na verdade essa metáfora representa a angústia de quem se vê diante do objeto de conhecimento e precisa dar-lhe sentido dentro do contexto e das condições de sua existência sem separá-lo daquilo que lhe concede ser o que é, a ideia de pensar sujeito e objeto integralmente era assustadora.

Dessa forma, a cartografia foi escolhida como princípio metodológico, uma vez que ficou definido, nessa investigação, delimitar um percurso de relações que aconteciam, por meio da linguagem em ambiente virtual de aprendizagem, entre os cursistas e os materiais de estudo. Compreender o que acontecia do início do curso ao seu final, acompanhando todo um percurso em que tempo e espaço apresentaram-se de forma não linear e assíncrono, representava um desafio somente possível se apoiado em uma base teórica no campo da comunicação, pois todo percurso foi marcado pela linguagem e sua expressão nas diferentes marcas deixadas pelo caminho.

Ao conhecer esse caminho e a linguagem ali registrada percebi que, como explica Silva (1995, p.32),

A própria linguagem se configura como um lugar, não só pela sua capacidade de produzir lugares, mas pela capacidade de acolher lugares no seu edifício, de acolher uma multiplicidade de espaços que se cruzam numa infinidade de soluções narrativas (SILVA, 1995, p.32).

As narrativas registradas nos fóruns de discussão possibilitaram conhecer as relações desses cursistas entre si e com os materiais propostos, mas em tempos e espaços diversos, eram relações virtuais.

Para Lévy (2011, p.15) “Virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência.”, assim, as relações eram potenciais e se concretizavam por meio do diálogo, da interlocução viva.

E nesse caminho virtual tornou-se necessário apreender o que emergia na travessia, pois compreendia-se que no percurso todos eram tocados por novas ideias

que se entrelaçam às experiências vividas e, aquilo que ali existia em potencialidade, tornava-se, atualizava-se.

Assim, entende-se atualização como “a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades [...] uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias [...]” (LÉVY, 2011, p.17).

A criação seria o momento da aprendizagem ou da apreensão de algo que se desejava levar a conhecer. E seria exatamente o que essa pesquisa iria trazer à luz, ou seja, o que o Estado oferecia aos educadores nos cursos de formação e quais seriam seus reais objetivos, além disso, como os cursistas expressariam tais conhecimentos.

E assim, ao decidir pela cartografia aproximei-me dos estudos de Martín-Barbero (2004) e seu conceito de mapas noturnos ou mapa das mediações. Para esse autor, as relações sempre são mediadas pela cultura, pela comunicação e pela política, mas, para realmente enxergarmos essas relações era preciso olhar “pelo outro lado”, ou seja, o da recepção. Assim, caminhamos pelas margens, “dos meios às mediações”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.18)

Isso posto, tornou-se claro que a investigação deveria explorar as zonas dessa realidade conhecendo as mediações e não o centro, como estava pensando inicialmente.

Martín-Barbero ao deslocar-se dos meios às mediações, definiu em seu mapa, que a realidade deveria não só conhecer, mas reconhecer a cultura a partir de um deslocamento metodológico, ou seja, enxergar nos espaços aparentemente vazios, invisíveis aos estudos realizados até então, para perceber esse “outro lado”, a recepção daqueles que interagem com os objetos culturais, reconhecendo, dessa maneira, “as resistências que aí têm lugar” e as apropriações “a partir de seus usos”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.29)

Martín-Barbero apresenta as Matrizes Culturais como manifestações sociais e políticas que constituem as identidades que representam a “razão de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários [...] um modo próprio de perceber e narrar, contar e dar conta”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.262).

Os ambientes virtuais de aprendizagem do curso estudado estavam repletos de narrativas, era necessário olhar a partir de outra perspectiva. Corroborou Souza (2006) ao apresentar a narrativa como importante documento de investigação, pois

Por sua característica imediata, a informação só tem valor no momento em que é nova (BENJAMIN, 1996: 203) enquanto que a narrativa conserva suas forças e depois de muito tempo é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1996: 203), sendo portadora de uma temporalidade e de uma vivacidade diferenciadas, portanto muito mais duradouras. Sendo ela mesma uma forma artesanal de comunicação, não se interessa em transmitir os acontecimentos com a pureza e a objetividade de dados, como faz a informação. Ao contrário disso, ela é embebida de personalidade, trazendo em si a marca de seu narrador. (SOUZA, 2006, p.11)

Essa personalidade é reconhecida por marcas deixadas na produção das narrativas, também é marcada pelas relações cotidianas e pela cultura à qual está

inserida. Nas relações cotidianas somos envoltos pelos formatos industriais que são materializados por meio da música, imagens, textos, entre outras, e, por meio destes transitam múltiplas as vozes que vão dos movimentos sociais aos discursos oficiais, construindo a base do pensamento, da identidade, enfim, do discurso.

Foram quatro as mediações pelas quais pude analisar as os registros e narrativas dos cursistas: a socialidade, a institucionalidade, a ritualidade e a tecnicidade.

A socialidade, como a mediação, trouxe a trama de relações possíveis entre as pessoas quando se unem por um mesmo propósito, “é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis* comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.256).

As relações entre as pessoas acontecia por meio da linguagem e, na perspectiva de Bakhtin (2002, p.82) ocorria por uma troca de diferentes conhecimentos, o que chamou de “*plurilinguismo* dialogizado”, encontro de diversas vozes sociais numa comunicação discursiva. Dessa forma, em seus diferentes estatutos sociais, cada pessoa vivencia as situações comunicativas das esferas em que circula, como a profissional, familiar, religiosa, etc. e na fronteira entre estas diferentes vozes há um jogo de forças que molda o discurso, são as forças centrípetas e centrífugas.

As forças centrífugas representam o conjunto de múltiplas vozes sociais (plurilinguismo) por meio das quais se constrói as deduções e, por isso, as palavras, que não são neutras, mas carregadas de ideologia e de valores, em uma dada interação evidenciam as posições dos interlocutores frente a esses valores sociais. Estas são sempre as forças desestabilizadoras de um discurso posto, formam-se no diálogo como sua réplica viva.

As forças centrípetas são, por sua vez, o contrário. São unificadoras e tendem a apagar as outras vozes sociais que compõem os enunciados, representam a voz institucional, que tende à homogeneização dos discursos impondo sua hegemonia (BAKHTIN, 2002, apud NICACIO, 2016, p.54).

Nessa mediação evidenciou-se e distinguiu-se as vozes dos cursistas das vozes oficiais e nestas, os momentos de resistência, imposição, alienação e entrega.

Outra mediação, a institucionalidade é a materialização do discurso institucional e seus interesses. Por meio do discurso os interesses são apresentados e nele reconhece-se a apropriação e, como resposta, a resistência. Essa mediação estava presente em todo material produzido e na instituição contratada para a realização do curso. Evidenciou-se as ideologias, o pensamento do interlocutor, no caso, a instituição.

Todo texto (no caso, os materiais de estudo) é escrito com palavras que descrevem o pensamento de seus autores e o lugar de onde falam, ou seja, há intenções (nunca neutras) que se evidenciam ao longo das análises. Além disso, um texto é sempre reconstruído por seu leitor, há um campo metodológico que vai surgindo em meio a “certas regras (ou contra certas regras)” e, assim, refaz-se numa “travessia” que se constrói da origem ao destino, imprimindo aos leitores seus valores e ideologias. (BARTHES, 2012, p.67)

Tendo em vista as diferenças pessoais entre os cursistas, não se pode afirmar que

houve uma leitura, mas leituras foram realizadas e em cada uma imprimiu-se um novo sentido que se materializou nos registros escritos no fórum. As palavras vão tecendo as ideias nas regras da língua, mas deixam marcas das intenções e concepções; apropriação e resistência, mapeando todo percurso de estudos. A institucionalidade foi a mediação que marcou o território da formação política de uma escola de governo aos profissionais da educação.

A terceira mediação analisada foram as ritualidades que, na perspectiva de Martín-Barbero (2009) representam “o modo de construção de sentido que sustenta a comunicação, são diferentes ritmos e formas com que se constituem as ‘gramáticas da ação’ e do ler que ‘regulam as interações entre os espaços e tempos do cotidiano’.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, apud NICACIO, 2016, p. 58)

Essa mediação nos alerta às diferentes formas pelas quais o leitor interage com o texto e, para além do processo de reconhecimento do escrito, devemos deslocar a atenção para conhecer como a lógica de produção atinge as competências de recepção, o que é possível na análise da travessia.

Esses trajetos vão se constituindo ao longo das experiências vividas, dessa forma, impregnados do capital cultural e pelo diferentes usos sociais das mídias. Martín-Barbero (2009) ao dialogar com os conceitos de Bourdieu (2004;2007) o leitor com seu capital cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado) às leituras que lhe são oferecidas, entendendo que o ato de ler é , também uma trajetória singular. (NICACIO, 2016, p.102)

O leitor torna-se, dessa maneira, o lugar onde a multiplicidade cultural acontece, pois cada um está num tempo e lugar diferente, mesmo diante da relação leitor e leitura.

Na pesquisa cartografou-se como os cursistas podem ter conduzido seus modos de ler, no entanto, não foram as únicas referências utilizadas. Tendo observado a multiplicidade de relações que os documentos apresentavam, buscou-se identificar, no discurso, algumas evidências da interiorização ou não, das ideias e conteúdos trazidos pela leitura.

Esta mediação apresenta-se como um território movediço, pois nem sempre os discursos tornam claros os modos de ler do leitor, mas, considerou-se que quaisquer evidências seriam importantes na construção do percurso dessa formação.

E, finalmente, a mediação da tecnicidade que interfere diretamente nos modos de pensar e agir com os conteúdos diversos. Para Martín-Barbero, entre a lógica de produção e os formatos industriais está a tecnicidade e, por isso, a força da mídia, as linguagens híbridas remetem a novas formas de percepção da linguagem, modificando o estatuto cognitivo e as relações com os processos simbólicos. (MARTÍN-BARBERO, 2004)

Pela tecnicidade foi possível compreender as limitações que um ambiente virtual apresenta, tanto na sua arquitetura, quanto na concepção de aprendizagem e nas formas como os conteúdos eram apresentados. Ficou evidente a oposição, tendo de um lado as limitações do ambiente apresentada pelos cursistas e a readequação da

instituição com vistas a não perder o vínculo formativo, dessa forma pude compreender aspectos da evasão dos cursos a distância.

A cartografia, como proposta metodológica requer do pesquisador uma percepção acurada do sujeito e do objeto de investigação, identificando as relações e separando o que é relevante - em grau de relevância - para construir o fio condutor da análise e ainda cumprir com as exigências da pesquisa. Cada parte identificada precisa se articular ao todo, pois objetivava-se a integralidade das relações.

As relações, expressas por meio de narrativas encontradas nos fóruns e pela linguagem dos diferentes materiais, precisavam ser desveladas e as mediações propostas por Martín-Barbero tornou possível conhecer aspectos da formação realizada pela escola de governo aos servidores da educação pública paulista que, por outros caminhos não seria possível.

Ao final desse longo percurso de estudos e pesquisa compreendi que se faz necessário romper com certas amarras que as visões - positivista e cartesiana - produziram em mim durante minhas experiências como pesquisadora e na própria ciência. Tal qual Boaventura Souza Santos (2010) creio ser por meio do conhecimento que as experiências sociais – entendendo-as sempre como políticas e culturais - tornam-se inteligíveis e intencionais, por isso, torná-las visíveis é dar origem a diferentes epistemologias.

A pesquisa qualitativa abriu novos caminhos ao conhecimento e precisamos ampliá-lo cada vez mais, socializando e atualizando a nossa concepção de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 439 p.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. 462 p.

BICUDO, Maria Aparecida Vigginani. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.7-26, jan. 2005. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/7/7>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pasquelines**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 324 p.

_____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004. 87 p.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 102 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. 506 p.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: 34, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004. 478 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ufrj, 2009. 356 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p.2-12, abr. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>>. Acesso em: 12 dez. 2017

NICACIO, Rosemary Trabold. **Formação de Supervisores de Ensino no Estado de São Paulo**: Cartografia do Curso Gestão de Redes Públicas. 2016. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2016.

PIETTRE, Bernard. *Vérité et sens*. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.27-72, abr. 2005. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/8/8>>. Acesso em: 23 jan. 2018. SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 638 p.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para integração. **Ciência e Saúde Coletiva**, Ceará, v. 1, n. 5, p.187-192, Não é um mês valido! 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7089.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 638 p.

SILVA, Paulo Cunha e. **O lugar do corpo**: elementos para uma cartografia fractal. Lisboa, Portugal: Universidade do Porto, 1995. 234 p.

SOUZA, Antonio Carlos Carreira de; SOUZA, Carla Delgado de. **Narrativas da Modernidade**. Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 2, n. 1, p.1-13, ago. 2006. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/14/14>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4

